

## Igrejinha - 60 anos

# Comunidade demonstra gratidão ao voluntariado na reconstrução de Igrejinha

Voluntários levam ajuda a quem precisa para amenizar as perdas

Susi Mello

susi.mello@gruposinos.com.br

A lembrança de mais um ano de emancipação de Igrejinha será diferente neste 2024. Um misto de gratidão e esperança será o ponto principal a ser lembrado no sábado, 1º de junho, quando a cidade do Vale do Paranhana completa 60 anos.

Nos últimos 30 dias, a cidade, assim como todo o Estado, vivenciou a importância da solidariedade para com o outro diante da enchente histórica que assola os gaúchos. E é por isso que, mais uma vez, igrejinenses demonstram que o voluntariado está em sua essência. Dar a mão ao próximo transcende na comunidade das mais variadas versões que, junto com o poder público, se une pela reconstrução do município.

Histórias de moradores cujas casas foram atingidas pela cheia não faltam. A diferença é que não ficaram desassistidas e não se cansam de enaltecer as pessoas que os ajudaram. É a prova que o título de Capital Estadual do Voluntariado faz jus.

A assistente de crédito Diuliana Machado da Silva, 33 anos, está grávida de 30 semanas, de trigêmeos: Lavínia, Lívia e Ravi. Ela contou com a solidariedade de voluntários. A água alcançou a janela de casa no bairro

Garibaldi, onde mora com o marido, o vendedor William Lopes, e filha Cecília da Silva, de 3 anos.

Com a perda de móveis, ela recebeu geladeira, pia, roupeiros, fraldas, roupinhas para os bebês, carrinhos de passeio, berço e alimentos, além de auxílio para lavar roupas e limpar a casa. “Morávamos em Sapucaia do Sul e aqui nos acolheram tanto, que é emocionante. Percebemos que perdemos tudo. A gente imaginava pessoas ruins na terra, mas não imaginávamos quantas pessoas boas existem. O pessoal nos abraçou de uma forma jamais vista”, relata.

Ela escolheu a cidade para viver porque é limpa, organizada, tem ótima educação, saúde e é acolhedora. “Não troco Igrejinha por nenhuma cidade. A casa onde moramos é alugada, é pequena, mas estamos arrecadando fundos para fechar a área externa e organizar os quartos dos trigêmeos. Entraremos com o material e o proprietário dará a mão de obra. Quero desejar a todo povo igrejinense que Deus dê em dobro o que nos deram. Estamos felizes de fazer parte dessa comunidade”, arremata Diuliana, que relata toda sua situação e dos bebês pelo Instagram @casalquebraregras.



Doações, acolhimento e ajuda de todas as formas

ARTE GABRIEL RENNER/GES

## Uma (re)construção que lembra os antepassados

A estimativa da Associação de Amigos da Oktoberfest de Igrejinha (Amifest) é que os mais de 3 mil voluntários, que anualmente trabalham na festa de outubro,



Wallauer

devem ter se envolvido em ações para ajudar aos atingidos pela enchente. Segundo o presidente, Egon Wallauer, é possível comparar esse momento vivenciado em maio com os registros do que aconteceu

há 200 anos, com a chegada dos primeiros imigrantes.

“Os imigrantes vieram sem nada, assim como muitas pessoas agora ficaram sem nada. No

passado, os imigrantes vieram, desbravaram, não tinham nem ferramentas adequadas e tiveram que, de forma comunitária, ajudar um aos outros a resolver as suas questões de subsistência, de

construir o seu lar”, compara.

O trabalho da Amifest marcará esse aniversário de 60 anos de Igrejinha com ações que vão desde a mobilização para limpar o parque que foi atingido pela enchente, cedência do espaço onde ocorre a festa para servir de centro de distribuição de donativos até a compra de material de saúde de reposição, como gases e micropores, e de material escolar e livros para que as crianças tivessem

condições de frequentar as escolas. “Na primeira leva foram em torno de 7 mil itens e posteriormente comprou-se mais 700 livros”, detalha.

Wallauer frisa que as questões comunitária e humanitária estão no DNA. “Mesmo que não estejam em condições de ajudar, todos estão na mesma situação. Nosso povo se une da dificuldade, se junta. E, por isso, a gente consegue visualizar logo uma retomada, uma reconstrução”, conclui.

## Desejo de espírito solidário aos filhos

Morada do bairro Moinho, a costureira de sapatos Franciele Regina de Oliveira Ferreira, 34 anos, deu à luz os gêmeos Rafael e Felipe Ferreira Stahl, em 26 de abril. Como nasceram com peso baixo ficaram internados até o dia 6 de maio. Ao saírem depararam-se com a cidade vivenciando os reflexos da enchente, inclusive sua casa que tinha água na altura das janelas.

“Recebemos muitas coisas. Leite, fraldas, berço, colchão para todos em casa, material de higiene, cesta básica e roupas”, conta Franciele, que mora há três anos na cidade, é casada com o mecânico Roger Rafael Stahl, 40, e tem um filho de cinco anos, o Vicente Ferreira Cardoso. “Quero que meus pequenos possam crescer e ter esse espírito de solidariedade”, concluiu.

## Quem precisa de abrigo sabe que tem suporte

RENATO SALOMON/DIVULGAÇÃO



Voluntários trabalharam no auxílio de moradores

A história das moradoras Diuliana e Franciele tem por trás outra história. É da soldado da Brigada Militar, Cristina Isabel de Souza, 35 anos. Chamada por alguns de Cristina, quando está sem a farda, ou de Isabel, quando está de serviço. Ela fica à frente da Sala Lilás, junto ao pelotão da Brigada Militar de Igrejinha, onde as doações são recebidas e entregues a quem mais precisa.



Zambelli

“Se preciso de doações às famílias, e não tenho na Sala Lilás, busco no parque da Oktoberfest. Estamos trabalhando 24 horas em prol da segurança e bem-estar, atendendo não só as vítimas de violência doméstica como toda comunidade”, comenta.

Ela conta que esse evento climático demonstrou ainda mais a força do voluntariado. “Há pessoas trabalhando por 15 a 16 horas. Mesmo nós, na Brigada Militar, que temos nossa rotina de policiamento, dedicamos outras horas para ser voluntários”, salienta a soldado que

lava e seca roupas em casa para entregá-las em boas condições de uso e tem uma costureira que conserta as peças.

Durante policiamento nas áreas atingidas, a BM interage com moradores para saber a necessidade de cada família. “Em um primeiro momento

organizamos com voluntários lanches e roupas secas e, num segundo momento, com a chegada das doações na sala Lilás, começamos a organizar kits”, conta Isabel.

O comandante da 2ª Companhia da Brigada Militar, capitão Patrick Zambelli, vê no voluntariado uma inspiração para corporação. Ele cita o exemplo da soldado Isabel, que faz o monitoramento das mulheres em situação de vulnerabilidade e também estende a atenção a quem precisa de ajuda nesse momento. Para Zambelli, a vivência do voluntariado estabeleceu laços entre moradores, tornando uma comunidade mais coesa em torno de um bem comum.